

SARAU NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS DESDOBRAMENTOS DOS SENTIDOS DA LEITURA NA ESCOLA

Karina Mayara Leite Vieira¹

“*Minha leitura é poca, mais eu vô lê*”. Com essa frase, Seo Almir², aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA), deu início a sua participação no *I Sarau Esquina da Rima*. Retirou um papel do bolso, uma fotocópia de um poema retirado de um livro da biblioteca, que provavelmente eu mesma havia indicado a ele, e, microfone na mão, fez a leitura do texto escrito a seu modo: oralizando palavra a palavra, e, quando a voz esbarrava em termos pouco conhecidos, passava vagarosamente pelas sílabas. Em certo momento da leitura, chegou mesmo a solicitar a minha ajuda, que o observava com olhar de incentivo. Para Seo Almir e os presentes (alunos, professores, funcionários, familiares, poetas...) o sentido em si do texto lido ficou em segundo plano, cedendo espaço para os sentidos produzidos pela cena: um aluno de EJA, recém-alfabetizado, enfrentando os percalços do ler e escrever com quase sessenta anos de idade, tem a coragem de dar a ver o que aprendeu dos mistérios da escrita.

O sarau, palco do protagonismo de Seo Almir, vem acontecendo numa escola municipal de Campinas, como dito, no segmento EJA, desde 2015, com a frequência de um sarau por semestre. Porém, antes de adentrar a discussão que suscita a figura de Seo Almir e sua relação com a leitura, que ele revela nas aulas e nas noites de sarau, cabe uma breve apresentação da EJA onde o educando, que concluiu o ensino fundamental em julho deste ano, estudou, e onde eu, professora de Língua Portuguesa, leciono. Vale também um histórico sobre o projeto “Poesia e Sarau na EJA”.

A EJA no município compõe-se por cerca de metade de adolescentes (dos 15 aos 19 anos), evadidos ou repetentes do ensino fundamental regular, e metade de adultos e idosos (a partir dos 20 anos), que interromperam os estudos principalmente devido a dificuldades socioeconômicas. As trajetórias escolares marcadas por descaminhos explicam em parte as relações pouco próximas que a maioria dos educandos mantém com o conhecimento escolar, principalmente com a escrita. “Eu não sei ler-escrever”/ “eu tenho muita dificuldade”/ “minha leitura é pouca”/ “eu troco as letras”, são frases que os educadores ouvem quando a proposta é leitura ou escrita de textos. Observada essa baixa autoestima dos alunos como falantes, leitores e produtores de língua/escrita, vinha se colocando a urgência de se pensar em estratégias para que eles passassem a construir novos sentidos para a sua relação com o ler e escrever. Assim foi se delineando um projeto de poesia e organização de saraus, inspirado nos saraus periféricos de São Paulo, Campinas e região. A ideia de sarau na periferia nasce em São Paulo, com a *Cooperifa*³, e dos eventos luxuosos que aconteciam no início do século vinte nas casas da elite paulistana guardam apenas o nome (sarau vem do latim ‘serum’, que significa tarde, período em que costumava acontecer as reuniões) (TENNINA, 2013). A primeira ação do projeto foi visitar saraus da região, onde sentíamos a poesia para além dos livros que tínhamos na biblioteca da escola, material que eu costumava utilizar nas aulas de leitura-literatura da EJA, acrescido dos títulos da literatura brasileira consagrada que eu levava da minha biblioteca pessoal. Saraus

¹ Professora de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Campinas-SP. Formada em Letras pela UNESP-Assis-SP e mestra em Educação pela UNESP-Rio Claro-SP. E-mail: karina_letras@yahoo.com.br.

² Nome fictício. Seo: abreviação de senhor.

³ Cooperativa Cultural da Periferia, a *Cooperifa*, é um projeto que ocorre desde 2001 na zona sul de São Paulo, idealizado pelo poeta Sérgio Vaz. Desse projeto, surgiu em um bar o sarau, que acontece todas as terças-feiras. Assim consta na descrição do Facebook do *Cooperifaoficial*: “A noite mais loka de SP. Duas horas de poesia, Bar do Zé Batidão. Rua Bartolomeu do Santos, 797. Jd Guarujá - Periferia – SP”.

de periferia, como a *Parada Poética* (que acontece em Nova Odessa-SP, cidade vizinha a Campinas, idealizado pelo rapper Renan Inquérito⁴) e o *Sarau da Dalva* (que acontece em Campinas-SP, proposto pelo poeta Rafa Carvalho), embora abertos a qualquer linguagem artística, seja música, dança, teatro ou literatura, popular, erudita ou de massa, reservam um espaço especial para a literatura/poesia contemporânea e/ou periférica, com lançamento de livros de escritores e escritoras, poetas independentes.

Conhecendo essa cena artística e os poetas que a frequentam, fui ampliando o meu entendimento sobre como organizar um sarau na escola, que costumava se restringir à ideia de leitura em voz alta de textos literários de autores canônicos, sem me ater muito aos sentidos de ler em voz alta. Animada pela descoberta dos saraus de periferia, propus aos educandos aulas de poesia para além da leitura como prática individual, silenciosa, de livros da biblioteca. Ouvimos músicas, recitei-lhes poemas, passei a variar mais o material de trabalho com títulos de poetas populares e/ou independentes como Patativa do Assaré, de poetas campineiros e cordelistas. Pela primeira vez, arrisquei a orientar oficinas de escrita de poemas aos alunos da EJA, aos mesmos que se queixavam ter dificuldades para ler e, principalmente (segundo eles), para escrever. Porém, imersa na vida corrida de professora, não tive tempo, de início, para ler algum aporte teórico ou mesmo pesquisar material didático que embasasse essas aulas de escuta, leitura e escrita de poemas: fui contando com a intuição, as reflexões que acumulei, como docente e pesquisadora, sobre ensinar a leitura e a escrita⁵, e (para a minha surpresa) com o gosto dos educandos pela poesia. Como este texto trata especificamente dos sentidos da leitura que surgem a partir dos saraus, não seria oportuno socializar o trabalho que temos realizado com escrita dentro do projeto de “Poesia e Sarau na EJA”, porém também tenho escrito e refletido sobre esse tema (VIEIRA, 2016).

Aos poucos foi nascendo o *Sarau Esquina da Rima*, contando inicialmente com o apoio de Renan Inquérito, que esteve presente na primeira edição do sarau (abril de 2015) para partilhar a poesia que circula na *Parada Poética*. Desde então, o projeto tem recebido o apoio de outros poetas de Campinas e região como Rafa Carvalho⁶, Rafael Sallati⁷ e o cordelista Samuel de Monteiro⁸, já conta com três edições realizadas e um livreto, impresso e distribuído para a comunidade escolar, que reúne os poemas escritos pelos alunos⁹.

Vale dizer que, neste primeiro sarau, restringi-me a orientar os alunos a fazerem minimamente uma leitura em voz alta dos seus textos, autorais ou selecionados. Essa prática, no entanto, não chegou a consistir em um trabalho que visava de fato a uma leitura expressiva, capaz de transmitir pela voz os sentidos do escrito com propositais entonações, gestos. Ocorre que a ampla maioria dos alunos, como o Seo Almir, não lê com a necessária fluência para partilhar uma transmissão vocal de um texto diante de uma plateia, ou seja, justificando-me, precisaria de tempo para um trabalho que resultasse em uma “leitura em voz alta” que se

⁴ Como rapper, Renan compõe o *Grupo Inquérito*, cujo último álbum se intitula *Corpo e Alma*. Como poeta, tem publicado os livros *Poucas palavras* e o recém-lançado *Poesia para encher a laje*, ambos pela Editora LiteraRUA.

⁵ Na minha dissertação, trago reflexões sobre o ensino da escrita e a formação de escritores na escola. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90133/vieira_kml_me_rcla.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30, ago. 2016.

⁶ O poeta conta com uma página homônima no Facebook e um blog: <<http://poetante.blogspot.com.br/>>. Publicou recentemente o livro *auto-mar* pela Editora Patuá.

⁷ O poeta publicou recentemente o livro *18 quilômetros: uma estrada de poesias*, produção independente, que conta com uma página no Facebook. Desenvolve o projeto *Quilômetro de poesia*, que leva poesia para o Terminal Rodoviário do Tietê.

⁸ Além de inúmeros títulos de cordel, o poeta popular tem um projeto que conta com uma página no Facebook: *De repente produções culturais*.

⁹ Disponível para download em: <<http://emefjoaoalvesdossantos.blogspot.com.br/2016/05/cordezine-novo-fanzine-da-educacao-de.html>>. Acesso em: 29, ago. 2016.

assemelhasse menos a uma emissão vocal como sinônimo de decifração do texto e mais com a emissão vocal como sinônimo de “leitura expressiva” (BAJARD, 2014, p. 48).

Apesar de não haver as condições ideais para todos os educandos chegarem à “leitura expressiva” do texto (alguns conseguiram chegar a expressar os sentidos do texto pela voz com o mínimo que foi dado – as visitas aos saraus e o breve trabalho em sala de aula), as práticas de leitura em voz alta que temos feito na EJA guardam grandes diferenças com as práticas de escolarização da leitura, que solicitam a vocalização do texto apenas para fins de avaliação ou consideram a leitura em voz alta como um mero processo para se chegar ao entendimento do texto, leitura, que, melhorada, transformar-se-ia em leitura silenciosa.

Faltam as condições ideais, mas têm sobrado coragem e disposição para criar na escola um ambiente de convivência em torno da leitura, que temos construído com os saraus. Trabalhar com poesia e organizar saraus na EJA têm feito com que a leitura se desdobre em sentidos diferentes dos que se constroem quando se lê um livro dentro da biblioteca, um texto do livro didático ou um trecho para o professor ouvir: de atividade que se faz sozinho ou para o professor avaliar à vivência coletiva da palavra, da literatura, da poesia. Os alunos leitores parecem encontrar nos ouvintes algum sentido para ler: a comunicação do texto escrito. Em se tratando de alunos de EJA, esse sentido faz-se necessário para recuperar a autoestima dos alunos como leitores de sua língua materna.

Há várias formas de se ensinar e aprender a leitura, mas colocar a literatura, a poesia e as práticas sociais da leitura como práticas do ler na escola não me parece apenas uma mera escolha pedagógica. Organizar um sarau não é apenas uma forma diversa de estudo da língua ou um momento para se praticar a leitura e partilhar a escrita. Mais que isso: a vivência coletiva da arte, da poesia é uma aposta política, entendendo política como visão de mundo, como aquilo que o professor intencionalmente vislumbra para a formação de seus alunos. E vislumbram-se aqui sujeitos que saibam ler, mas que também saibam partilhar o que aprendem; que aprendem a ler para facilitar a realização das atividades mais cotidianas como pegar um ônibus, tirar carteira de motorista, ler um contrato qualquer, mas também para ler um livro para uma criança, para encantar-se e encantar aos outros com o universo da literatura e da poesia.

O relato da primeira apresentação de Seo Almir nos dá margem para esses e outros apontamentos sobre ler na escola, sobre a leitura na EJA. Ocorre que seria injusto de minha parte não dividir com o leitor deste texto o “melhor da festa”. Cumprida a tarefa de partilhar a sua “*pôca leitura*”, Seo Almir pediu licença e anunciou: “*Agora eu vô fazê meu rep*”. E começou a contar uns causos urbanos, que eram fechados com uns versos, em uma mistura de repente nordestino com rap paulistano. As narrativas e os versos eram contadas e cantados “de cor”. Eram ainda histórias autorais; uma delas, por exemplo, se passava na linha de ônibus que faz o percurso centro/bairro, o afamado “250” e resumia-se a narrativa de duas amigas conversando sobre suas vidas amorosas, enquanto ele, curioso, acompanhava a conversa. Não havia nos causos de Seo Almir resquícios de escrita: o que ele nos propunha era um mergulho no mar da oralidade.

Apesar de, ao rememorar a minha prática, reconhecer os avanços que trabalhar com poesia e organizar com os alunos um sarau me proporcionaram para o trabalho com a leitura (e também com a escrita), confesso que Seo Almir e tantos outros alunos da EJA, me provocam a refletir, a pesquisar, a participar de discussões e a escrever sobre as relações entre oralidade, leitura e escrita na escola. A impressão que me causou a sua primeira participação foi a de como eu vinha colocando a oralidade em segundo plano: tanto que ele, ao pegar o microfone, se sentiu na obrigação de ler o texto escrito e somente depois, como se considerasse algo de menor importância, e pedindo licença para fazê-lo, contou histórias, dizendo o texto oral.

No sarau seguinte, Seo Almir quis trazer as duas netas. Elas leram um texto escrito e, assim como o avô havia feito no primeiro sarau, mostraram a beleza que é aprender a ler e ainda poder ter quem testemunhe esse processo. Depois das netas, Seo Almir soltou a voz no microfone contando e cantando seus causos. Dessa vez não tirou nada do bolso, apenas da memória puxou algumas de suas tantas estórias. Tendo eu aprendido a lição, expliquei a Seo Almir que ele não precisava ler poema nenhum de livro, que seus causos eram poesia, que nada deixavam a desejar para os textos escritos, deixasse para as netas a participação com a leitura, ele diria com a voz, os seus gestos e trejeitos de contador o que não está nos livros.

Referências

BAJARD, Élie. **Ler e dizer**: compreensão e comunicação do texto escrito. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2014. (Coleção Questões de nossa época; v. 52).

TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. In: **Revista Scielo Brasil**: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília-DF, n. 42, p. 11-28, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n42/01.pdf>>. Acesso em: 28, ago. 2016.

VIEIRA, Karina Mayara Leite. Versos e rimas: uma experiência com poesias e saraus na Educação de Jovens e Adultos. In: **Anais do III Congresso Nacional de Formação de Professores e XIII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores**: Por uma revolução no campo da formação de professores, 11 a 13 de abril de 2016. Águas de Lindóias-SP, v. 03, n. 03, UNESP/Prograd, 2016. Disponível em: <http://unesp.br/anaiscongressoeducadores/Artigo?id_artigo=6452>. Acesso: 29, ago. 2016.